Liberdade sexual e seus limites 8

Mabel Cavalcanti*

O problema da liberdade, sob qualquer ângulo, é realmente fascinante e, para falar sobre ele, requer a condição imprescindível de estar livre. Liberdade total para sentir, agir e ser.

Partindo desse pressuposto, o tema deve ser encarado sob o aspecto ético-filosófico, porque só dentro deste contexto é que se pode falar de critérios de liberdade.

Se o conceito de liberdade é objetivo, a sensação da liberdade e os limites da liberdade estão presentes na subjetividade de cada pessoa, à luz de seus valores a no contexto de sua filosofia de vida.

Liberdade não é conceito rígido, imutável que não abra os horizontes da individualidade. Muito ao contrário, a filosofia de vida do homem livre é que lhe permite conviver harmonicamente com pontos de vista diversos, num dinamismo de trocas que renova e que recria. E é dentro dessa ótica que o tema deve ser abordado.

* CESEX-DF.
Recebido em 11.05.96

Ao encarar, portanto, a temática da liberdade sexual, não podemos deixar de assinalar no tempo, os movimentos de emancipação feminina ao qual se associou o aparecimento de método contraceptivos que permitiram à mulher usar sua sexualidade sem o perigo das gestações indesejadas. Paradoxalmente, a liberdade da mulher, marca também o início da verdadeira liberdade sexual do homem.

A liberdade é um processo e não uma data marcante. O movimento libertário, a revolta, é apenas o primeiro passo.

Configuremos melhor as coisas: Falamos de revolta contra o que ou contra quem?

De fato, a pressão cultural que determinava os padrões aceitáveis do comportamento feminino era, realmente, uma variável importante que corrompia o conceito de liberdade para as mulheres. Não só das mulheres; elas não eram as únicas prisioneiras dessa tirania, porque ao ter que assumir posturas de machões conquistadores, o homem estava tão escravizado quanto a mulher que ele sujeitava. Sua vontade livre, criadora, estava igualmente comprometida e ele tinha que assumir essas atitudes sob pena de ser marginalizado como fraco ou mesmo macho. Suas decisões pessoais passavam a ser frutos estereotipados de conceitos sócio-culturais. Sua capacidade de ser livre, submetia-se à pressão grupal dominante. Estávamos tão presas a tabus, quanto os homens se achavam encadeados na sua tirania machista.

Ao romper a cadeia externas dos preconceitos, ao quebrar os elos das correntes repressivas, olhamos à nossa volta a enxergamos um horizonte maior. Aprendemos a dizer não, como a criança que vivendo a fase de revolta, aprende a dizer não às pressões paternas. Mas, não terminou aí o processo da libertação.

Percebemos que a liberdade exige um estágio maior de crescimento. Não é só reivindicar, abrir espaço, mas efetuar a escolha certa da reivindicação e do espaço adequado a ser vivido.

Como verdadeiro rebanho, estamos ameaçados de caminhar numa direção pré-determinada. Nossa liberdade continua sendo cerceada pelos critérios externos, nossas expectativas jogadas em segundo plano. Proclama-se o direito à liberdade de *ter*. Liberdade para ter coisas... E, fala-se no uso do corpo, como direito ao uso de coisas que possuímos.

Cabe aqui uma avaliação crítica, com base numa visão antropológica do homem, como ser unitário, e como pessoa existente e concreta.

- *Eu tenho* um corpo de que eu uso e abuso a meu critério, *ou eu sou* o meu próprio corpo, com responsabilidades intrínsecas sobre ele?

É esse corpo que *nós somos* como pessoa que se manifesta através de uma linguagem única e criativa, que irradia nosso sentir, nosso pensar, nosso agir. Ele fala uma linguagem sexual é claro, mas, também exprime o sentido profundo que a regula. Interromper essa comunicação é dicotomizar nossa verdade. A linguagem que se exprime a nível físico e aí permanece, não transparecendo a mensagem interior, perde-se no vazio. Unilateral, parcial, incompleta, não é autêntica. O discurso sensório sem retorno e sem sofrer aquela transformação que permite quebrar o nosso egocentrismo não nos possibilita ir ao encontro do outro.

Isto não implica em abdicar do prazer, nem dar ao outro prioridade, em detrimento de nós mesmo. O ter consciência de quem se é do que se sente, e do seu próprio amor, passa a ser, na verdade, condição primária para o transcender em direção ao outro. A atividade sexual deixa de ser uma mera ginástica ou uma simples exploração epidérmica sem conteúdo, para fazer parte de um mundo maior, como forma de ser, na concretude existencial de cada um.

Ao se identificar com o Bem e com o Belo, nós percebemos como valor e nos tornamos livres e verdadeiros para um partilhar de emoções numa relação de entrega que permite um dinamismo fecundo a criativo.

Como diz Rollo May, a liberdade passa a ser “a capacidade do homem contribuir para sua própria evolução”. O exercício da liberdade amplia o âmbito da personalidade.

O direito de ser livre implica em deveras intra e interpessoais. “Liberdade e responsabilidade caminha, juntas”. Não causar dano psicofísico a si mesmo nem aos outros é decorrência dos nossos direitos. Buscamos nosso próprio bem, mas vislumbramos a capacidade do bem que o outro possui. É uma liberdade positiva e não apenas defensiva.

Quando falamos em outros, estamos nos referindo ao parceiro ou ao grupo social como um todo. Neste caso, sentimo-nos adequado socialmente, transformando nossa fantasia em realidade. Vamos de encontro ao real e não contra ele.

Essa adequação não é o mesmo que aceitação do valor modal do grupo, não é uma robotização. Percebemos que estamos fazendo parte dinâmica de um grupo, mesmo quando conseguimos ser livres para escolhas pessoais, sem que isto resulte em ferir ou interferir na liberdade da escolha interpessoal. O indivíduo e o grupo formam um todo harmônico mesmo que preserve a riqueza das suas próprias opções.

Assim, a luta e a conquista pelo direito de agir não é apenas uma exaltação à liberdade pessoal, mas também, uma promessa de cumprir os objetivos que a própria liberdade impõe.

Dessa forma é que entendemos a liberdade de ser, um *Ser sexuado*, porque na verdade, a liberdade não é algo que se dê, que se tome ou que se receba; não é algo que tenha apenas uma aparência externa; é sobretudo, um ato volitivo, um movimento interior, algo que se conquista em face à nossa postura existencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DYER, W. Seus pontos fracos. 1976, Record.
2. LERER, M. Luiza. Sexualidade feminina. 1985, Sudamerica/Planeta.
3. ROLLO MAY. A coragem de criar. 1975, Nova Fronteira
4. ROLLO MAY. O homem à procura de si mesmo. 1976, Ed. Vozes Ltda.
5. SNOEK, J. Ensaio de ética sexual. 1981, Ed. Paulinas.